

Notas à margem da desconstrução¹

Roberto Ferro

16

I

A complexidade de toda abordagem à obra de Jacques Derrida agrava-se dado que o tratamento das questões que configuram seu tecido constitutivo fica situado nas bordas do pensamento tradicional, que jamais é transgredido de uma vez por todas. Em múltiplas oportunidades, Derrida insistiu na impossibilidade de operar fora da razão: *a revolução contra a razão sempre tem a extensão limitada do que se designa como uma agitação precisamente na linguagem do Ministério do Interior*; as operações derridianas não consistem em apelações contra a razão, é impossível manobrar contra ela; resta, então, o recurso à estratégia e ao estratagema.

Essas operações apontam a uma intervenção a partir da margem entre o interior e o exterior, bordar como um jogo metafórico que reenvia ao espaço semântico da atividade têxtil: bordado, costura, tecido; e, a partir desse cálculo, escapar ao assédio de toda possível dicotomia metafísica, assumir o risco e enunciar o dilema de uma escritura/leitura que se faz e/ou desfaz nas bordas. O risco reside em que nenhum pensamento pode esquecer ou prescindir da linhagem de que faz parte, ainda que sua enunciação anuncie uma vontade de marcar e afrouxar essa construção.

¹ Tradução de Jorge Wolff. In: FERRO, Roberto. *Da literatura e dos restos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010, p. 273-287.

Tentar um assédio à desconstrução implica, necessariamente, assumir um risco iniludível, já inscrito na textualidade de Jacques Derrida.

Pretender "uma aproximação" a Derrida, mediante esquemas e categorias devedores do que ele mesmo desmonta, torna-se complicado se a pretensão assume a retórica de uma "introdução": quer dizer, a apresentação didática e resumida da problemática do autor, a microexpressão de um sistema; mencionamos essa possibilidade como modo explícito de conjurá-la.

Neste trabalho procuro bordar nas bordas, inscrever *algumas notas às margens da desconstrução* seguindo um duplo eixo assimétrico², muitas vezes em pugna: uma certa fidelidade cronológica, exigida pelas redes de solidariedade, genealogia e debate, e uma certa fidelidade temática, exigida pelo movimento retórico de minha escrita.

O modo como Derrida se referiu na última etapa de sua vida à *desconstrução*, em um movimento retrospectivo e sem ocultar certo mal-estar, parece contrastar com a considerável difusão que essa *desconstrução* alcançou nos últimos anos, primeiro na América e depois, talvez mais morosamente, na Europa. Enquanto palavra, conceito ou conjunto de operações, intervém e é tramada na discussão filosófica, mas também, e de modo decisivo, na teoria e crítica literárias, nas ciências sociais, na estética, na psicanálise, na linguística, na reflexão política e na teoria da tradução.

17

O mal-estar de Derrida, e até um certo rechaço pela proliferação de um termo que aparece como uma cifra sintetizadora e emblemática de um pensamento de que faz parte, expõe a necessidade de revisar as diferentes condições históricas de recepção desse pensamento e, correlativamente, de revisar os usos que recebeu.

É possível distinguir três momentos diferentes, assumindo a pesada carga da rigidez esquemática, na deriva do sentido da *desconstrução*.

Em 1967, Jacques Derrida publica três obras: *A voz e o fenômeno*, *Da gramatologia* e *A escritura e a diferença*.

A voz e o fenômeno é uma leitura da fenomenologia de Husserl que propõe exibir o privilégio da voz e da escrita fonética sobre a escrita no curso de toda a história do Ocidente, tomando-o como fio condutor para desmontar a trama de questões que configura o eixo das permanências em cuja solidariedade se assenta a metafísica.³

² Segui o mesmo critério em Roberto Ferro, *Escritura y desconstrucción - Lectura (h)errada con Jacques Derrida*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1995.

³ Jacques Derrida, *La voz y el fenómeno*. Valencia: Pre-Textos, 1985.

Derrida intervém nos textos de Husserl a partir da interrogação "o que é o *querer dizer?*", desmontando a pretensão fenomenológica de um pensamento anterior à linguagem.

Seu programa, que exhibe as marcas de uma linhagem em que Nietzsche e Heidegger são pontos de inflexão, aponta para a superação da filosofia ocidental enquanto metafísica, ontoteologia ou racionalismo subjetivo. Metafísica que tem seus "primeiros princípios" na *episteme* grega entendida como um *logos* que dá razão ao ser como presença.

Em *Da gramatologia*, Derrida propõe-se a mostrar o lugar secundário, derivado e suplementar que a escrita ocupou em relação ao *logos* como fala e/ou razão.⁴

Uma das linhas decisivas que articulam o discurso da metafísica ocidental tem sido a separação do interior e do exterior e, correlativamente, considerar a fala como exteriorização de uma linguagem interior.

O fonocentrismo, origem e fundamento do logocentrismo, é um idealismo dado que privilegia um conteúdo –a ideia, o sentido, o significado– sobre o dado –a forma, o significante. O *logos*, a voz, desdobra-se em relação a um campo transcendental, que serve como base do real e que podemos rastrear em suas diferentes denominações: *topos noetos* em Platão, essência em Aristóteles, Deus na teologia cristã, razão em Descartes, razão transcendental *a priori* em Kant, Espírito absoluto em Hegel.

18

Esse privilégio da voz é correlativo de um desprezo e desvalorização da escrita, considerada como mera cópia, representação suplementar da palavra oral. Derrida reconstrói em *Da gramatologia* a história das constrictões e dos decretos de desvalorização da escrita, atendendo a alguns de seus marcos mais significativos: Platão, Aristóteles, Rousseau, Saussure, Lévi-Strauss; em um segundo movimento, propõe, além disso, transtornar a relação hierárquica estabelecida entre fala-escrita e demonstrar como tanto a fala quanto a escrita são formas de uma arqui-escrita, desarticulando o privilégio da voz e abalando a arquitrave que sustenta o edifício logocêntrico.

O aparecimento destas obras de Derrida, contemporâneas do auge do estruturalismo, supõe uma crítica demolidora dos fundamentos em que este se assentava. Sua leitura da teoria de Saussure assinala a contradição dos conceitos básicos em que tal teoria se articula.

Os signos são, para a linguística saussuriana, produto de um sistema de diferenças, não são em nenhum caso realidades positivas, definem-se apenas pelas oposições, são efeitos da diferença. A contradição aparece

⁴ Jacques Derrida, *De la gramatología*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.

quando Saussure confere um privilégio à fala como realidade originária e posterga a escrita como uma representação subsidiária dela.

Derrida situa Saussure na linhagem logocêntrica dominante que trama a metafísica ocidental, que articula a presença no logos, como referência unívoca à origem.

A arqui-escritura não se constitui unicamente na manifestação gráfica, refere-se a um espaço de produção primária que gera tanto a fala como a escrita. Essa produção não se configura como outra manifestação da presença senão na geração de significantes com significados perpetuamente diferidos; a escrita é o interminável deslocamento do significado que impõe à linguagem constituir-se em uma soma de textos somente definíveis a partir de outros textos. É o espaço de uma ausência diferida, o final do privilégio metafísico da presença; com a escrita rompe-se o vínculo "natural" voz-sentido. Portanto, o sentido é o desdobramento e a interação de traços substituídos, de relações motivadas, de constante ausência do outro aqui-agora.

A escritura e a diferença recolhe artigos publicados em revistas e conferências ditadas entre 1959 e 1967; entre elas inclui-se "A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas", pronunciada em um colóquio organizado pela John Hopkins University sobre o tema "As linguagens críticas e as ciências da homem", levado a cabo em outubro de 1966. Dele participaram, entre outros, Georges Poulet, Lucien Goldmann, Franco Donato, Tzvetan Todorov, Roland Barthes, Nicolas Ruwet, Jacques Lacan.⁵

19

O repasso das atas de sessões dá conta de que mais do que a convergência de um conjunto de variantes do estruturalismo, o colóquio significou a apresentação acadêmica de algumas comunicações que já exibiam as linhas fundamentais do que depois se passou a identificar, de modo geral, como pós-estruturalismo.

A exposição de Derrida, que foi vista em olhar retrospectivo como a ata de fundação da *desconstrução* nos Estados Unidos, contextualiza-se em um colóquio sobre o estruturalismo, circunstância que permite assinalar algumas das razões que justificam o consórcio posterior que vincula *desconstrução* e pós-estruturalismo.

Outro elemento que é necessário destacar é que a nominata de participantes nesse colóquio exibe um claro predomínio de intelectuais que pertenciam ao campo intelectual francês. Os estudos literários na América do Norte careciam de uma tradição estruturalista, portanto tal confrontação

⁵ Jacques Derrida, *La escritura y la diferencia*. Barcelona: Anthropos, 1989.

era alheia ao espaço universitário norte-americano. Esta ausência marca um certo deslocamento e desajuste na leitura de Derrida nesse meio, que muitas vezes aparece como um transplante ou imposição de uma problemática própria de tradição filosófica alheia.

Nas obras de 1967, Derrida utiliza a palavra *desconstrução* principalmente em *Da gramatologia*. No entanto, em *A voz e o fenômeno* essa palavra não aparece com frequência. Do mesmo modo, nos artigos de *A escritura e a diferença*, aparecem palavras como "desestruturar" "desconstituir" como alternativas a *desconstrução*.

Em um âmbito dominado pelo paradigma "estruturalista", *desconstrução* parecia designar uma instância de concessão de um discurso que questionava e se diferenciava do cânone, quando, na realidade, era o contrário. De algum modo, havia uma instância da *desconstrução* que não era estranha à problemática estruturalista, mas igualmente instalava um gesto antiestruturalista. Se, aparentemente, se tratava de desmontar, desfazer as estruturas, esse trabalho mirava as oposições logocêntricas, fonocêntricas que sustentavam o arcabouço estruturalista.

II

20

O segundo momento é marcado por um gesto de afirmação; os textos publicados em 1972 abarcam sua produção desde 1967. *Margens da filosofia* e *A disseminação* recolhem artigos divulgados em revistas e comunicações em colóquios e congressos no curso desses anos, e em *Posições* são publicadas três extensas entrevistas de Derrida.⁶

O gesto de afirmação apresenta-se em duplo movimento: nos textos de *Margens* e de *A disseminação*, de uma parte, o *corpus* de procedimentos que implica a *desconstrução* alcança uma dimensão importante para além da frequência de seu uso.

Derrida insiste no desdobramento das operações que a configuram. Se, até então, *desconstrução* como termo, conceito ou operação não havia desempenhado um papel metódico sistemático, ou sua importância relativizava-se em relação a outras operações derridianas que articulavam um dispositivo aberto estratégico, nos textos de 1972 seu uso revela uma instância estabelecida para designar as formas de leitura, de escrita, de interpretação imbricadas em seu programa.

⁶ Jacques Derrida, *Márgenes de la filosofía*. Madri: Cátedra, 1989. *La disseminación*. Madri: Fundamentos, 1975. *Posiciones*. Valência: Pre-Textos, 1977.

Em *Posições*, de modo muito preciso, a *desconstrução* recebe um espaço de atenção que revela sua eficácia para designar instâncias fundamentais de seu pensamento. Sua intervenção não tem o matiz de distanciamento com que depois causará certo incômodo pelos sentidos atribuídos à *desconstrução*.

O que interessava naquele momento, o que trato de prosseguir segundo outras vias agora, é, ao mesmo tempo que uma "economia geral", uma espécie de estratégia geral da desconstrução. Esta deveria, ao mesmo tempo, evitar neutralizar simplesmente as oposições binárias da metafísica e residir simplesmente, confirmando-o no campo cerrado das oposições.⁷

Este duplo movimento de afirmação –a intervenção nos dispositivos estratégicos dos textos e o modo relevante como Derrida se refere a alguns dos aspectos de sua constituição– aparece quando menos como índices de uma problemática mais vasta, se se os compara com suas afirmações posteriores, de relativização e distanciamento, em particular a partir de 1980.

A penetração da *desconstrução* nos espaços acadêmicos na América do Norte produz-se durante os anos 70, coincidindo com a atividade de Jacques Derrida nas universidades de Yale e John Hopkins. *Da gramatologia* é traduzido ao inglês em 1976 e *A escritura e a diferença*, em 1978. Mas entre 1971 e 1975 já se produziu a recepção de Derrida pelos chamados críticos de Yale e seus conseguintes debates com a crítica norte-americana tradicional.

A partir de algumas posições que exibem a marca derridiana, essas primeiras confrontações dão-se como um questionamento das linguagens críticas dominantes nos estudos literários: a linha de cunho arquetípico de Northrop Frye, os historicistas tradicionais, os *new critics*, algumas áreas de humanidades da Universidade de Chicago.

III

A influência do discurso de Derrida nos Estados Unidos teve uma série de derivações; basicamente, não houve homogeneidade na recepção, o grupo de Yale, principal ponto de referência, não é uma escola crítica compacta, pelo contrário, reúne críticos com formação e postura muito diferentes: Harold Bloom, Hillis Miller, Geoffrey Hartman, Paul de Man. A publicação em 1979 deu m volume conjunto, editado por Harold Bloom com o título

⁷ *Posiciones*, ibidem.

Deconstruction and Criticism, e algumas antologias posteriores, como a compilada por Jonathan Arac-Godzich e Wallace Martin: *The Yale Critics-Deconstruction in America*, constituem um núcleo bibliográfico que exhibe alguns matizes de coerência em torno da problemática aberta por Jacques Derrida.

Igualmente, o gesto polêmico de seus detratores e as críticas virulentas que provocaram em meios tradicionais do campo acadêmico foi o que lhe conferiu um grau de coesão e unidade que não chega a dissimular a heterogeneidade de proposições. Esta circunstância outorgou ao termo *desconstrução* um grau de aplanamento e reducionismo próprio do embate paradigmático entre antigos e modernos, que na década de 60 havia ressurgido na França em torno de Roland Barthes.

Também é possível assinalar, em outra ordem de coisas, que a *desconstrução* vinculou-se ao "pós-estruturalismo", termo cunhado nos Estados Unidos e que reforçou certa percepção na Europa da *desconstrução* como um engendro híbrido com uma etiqueta norte-americana que designa seja teoremas ou escolas ou discursos, uma espécie de receita multiuso. O pós-estruturalismo será visto com frequência como a versão do pós-modernismo na crítica e na teoria literária universitária.

Uma das razões do cruzamento equívoco de ambos os termos é o uso que efetuou da crítica da Modernidade o movimento neoconservador norte-americano (Daniel Bell, Peter Berger, Nathan Glazer, entre outros). O neoconservadorismo adjudica os efeitos negativos da modernização à modernidade cultural: narcisismo, ausência de competitividade, anomia social, hedonismo, insurreição, o que lhe permite um duplo jogo: apoiar a modernização e condenar a modernidade cultural como socavadora da base moral. Daniel Bell em *As contradições culturais do capitalismo* denuncia o modo como o movimento capitalista, perdida sua legitimidade original, se dobra à legitimidade de uma cultura anteriormente antiburguesa para sustentar a estabilidade de sua ordem institucional socioeconômica, desvio errôneo que leva ao hedonismo e ao anarquismo atual, e que deve ser superado com um rechaço frontal à Modernidade. Esta cadeia forçada e questionável de inferências legaliza um deslizamento que leva a confundir modernidade e neoconservadorismo, o que não justifica, salvo ignorância ou reducionismo jornalístico, que a diversidade de tendências pós-modernas seja identificada necessariamente com uma postura política, que proclama uma revoada à moral, à tradição e à religião.

Essas são algumas das notas dominantes que parecem levar Derrida a tomar distância dos usos da desconstrução. Em "Torres de Babel", 1980, e "Carta a um amigo japonês", 1985, recolhidos depois em *Psyché*, 1987, *Loreille de l'autre. Textes et débats avec Jacques Derrida*, 1982, e em

Memórias para Paul de Man, 1988, já há um gesto diferente; aparece, junto com a consideração retrospectiva de seus trabalhos anteriores, a exigência de uma reflexão que contemple novos espaços de sentido da *desconstrução*.⁸

Na confabulação dos dois aspectos assinalados, de um lado o modo de recepção no campo acadêmico norte-americano e, de outro, a vinculação da desconstrução ao pós-estruturalismo, à pós-modernidade, e o desvio que supõem os debates em torno a esse eixo, é possível explicar em parte o modo com que Derrida se refere à desconstrução a partir de 1984:

Quando utilizei a palavra desconstrução, rara vez, a princípio muito rara vez, uma ou duas vezes —e é aqui onde o paradoxo dos destinatários que vêm a transformar a mensagem joga pesado—, tinha a impressão de que era uma palavra secundária do texto, que ia se apagar ou que ia ao menos ocupar um lugar em um regime em que não regeria nada. Para mim, era uma palavra numa cadeia com muitas outras palavras como: traço, *différance*, e além do mais em todo um trabalho que não se limita simplesmente a um léxico, se quisermos. Ocorre —e isso merece ser analisado— que esta palavra que escrevi apenas uma ou duas vezes, nem sequer me lembro bem onde, saltou de imediato para fora do texto e outros apoderaram-se dela e conferiram-lhe a importância que vocês já sabem e a respeito da qual eu tive que justificar-me, explicar-me, arranjar-me: mas esta palavra, pelas conotações técnicas e, como dizer, negativas que podia ter em certos contextos, por si mesma me incomodava.⁹

IV

O que é evidente é que a intervenção desconstrutiva provocou múltiplas ressonâncias, em um grau de muito maior intensidade do que qualquer das outras operações derridianas.

O simples repasso da extensão com que expusemos os três contextos que constituem a configuração do sentido situado da *desconstrução* exhibe a complexidade de sua trama e compromete a necessidade de atender, em nossas *notas à margem*, o assédio dos debates, em que tanto as posições de exegese como as de rechaço implicam reducionismos e distorções conceituais.

Minha exposição assinalou em diversas passagens os pontos de mira, o horizonte a que se dirige a *desconstrução*, enquanto os caminhos para

⁸ Jacques Derrida, *Psyché*. Paris: Galilée, 1987. *Memórias para Paul de Man*. Gedisa: Barcelona, 1989.

⁹ *Loreille de l'autre. Textes et débats avec Jacques Derrida*. Montréal: VIB, 1982.

alcançá-lo implicam a necessidade de não ser arrastado e aprisionado pelo mesmo movimento daquilo que se pretende desconstruir, caindo na fácil sedução das opiniões desconstruídas para explicar os procedimentos da *desconstrução*.

Em princípio, é necessário superar as aparências que assimilariam a *desconstrução* à análise; a desmontagem de uma estrutura não implica um processo de regressão a um elemento simples ou a uma origem indecomponível. Tampouco corresponde pensar em termos de crítica, tanto em um sentido geral quanto em um sentido kantiano. A instância mesma do *krenein* ou da *krisis*, enquanto decisão, escolha, juízo, discernimento, está intimamente ligada ao aparato da crítica transcendental, que é um dos objetos privilegiados da *desconstrução*.

A partir da irrupção do estruturalismo no espaço das ciências sociais (os estudos literários são um caso paradigmático), o conceito de método toma um caráter alquímico, uma receita de fácil aplicação assegurava um resultado avalizado pela ciência, uma sorte de racionalização da magia. A possibilidade de considerar a *desconstrução* como um método coloca a perspectiva no espaço de sentido técnico: uma série de regras e procedimentos transportáveis, já codificados. A distância que Derrida manifesta a cada vez que se refere à *desconstrução* nos últimos anos propõe conjurar, entre outras questões, esta sedução pelo deslizamento metafórico que reduz os efeitos das operações desconstrutivas a fases integradas de uma técnica metodológica; o que supõe um gesto de reapropriação, domesticação e acatamento tranquilizante da *desconstrução* pelas instituições acadêmicas.

24

Pensar a *desconstrução* em termos de estratégia, o que implica a exigência de minuciosidade e prudência, descartando todo gesto automático e repetido, abre a possibilidade menos dócil à domesticação. A *desconstrução* é uma prática que não supõe término, não se compromete a um resultado, ao cancelamento da atividade em um limite previamente estabelecido:

No interior da clausura, através de um movimento oblíquo e sempre perigoso, correndo o permanente risco de voltar a cair aquém daquilo que desconstrói, é preciso rodear os conceitos críticos com um discurso prudente e minucioso, marcar as condições, o meio e os limites de sua eficácia, designar rigorosamente sua pertinência à máquina que eles permitem desconstituir; e, simultaneamente, a falha através da qual se entrevê, ainda inominável, o resplendor do mais além da clausura.¹⁰

¹⁰ *De la gramatologia*, op. cit.

A *desconstrução* que opera sobre as rígidas oposições que articulam o edifício da metafísica tradicional não pode ficar submetida à redução interior/exterior, não se joga sua atividade em um único espaço. A *desconstrução* das oposições hierárquicas da metafísica não supõe um apagamento delas, não se trata de mudar ou simplesmente inverter simetricamente os termos da hierarquia dada, mas de transformar as relações estruturais do hierárquico; este gesto implica um desdobramento.

A oposição dos conceitos metafísicos não é a simples confrontação de duas posturas simétricas em pugna, mas a inscrição de uma hierarquia e a legalização de uma subordinação. A prática desconstrutiva não supõe a simples neutralização dessa subordinação, deve articular um duplo gesto que exiba a greta no texto metafísico. A *desconstrução* desencadeia o jogo de um duplo olhar, uma dupla escritura que inverte a oposição clássica e provoca um deslocamento geral do sistema. A partir desta condição, a prática desconstrutiva habilita a possibilidade de intervir no campo das oposições sobre as quais opera, que é, igualmente, um campo de forças não discursivas.

Cada conceito está imbricado a uma cadeia sistemática e constitui ele mesmo uma rede de predicados sistemáticos. Não há conceito metafísico em si mesmo. Há um trabalho, metafísico ou não, sobre as redes conceituais sistemáticas. A *desconstrução* não consiste em uma passagem de um conceito a outro, supõe necessariamente uma inversão e um deslocamento; este gesto implica uma raspadura que deixa ler o que a hierarquia oblitera, inscrevendo no texto desconstruído os predicados subordinados, excluídos ou guardados em reserva por forças e segundo exigências que se põem à prova no mesmo processo duplo.

Estas notas características permitem avaliar a consideração em termos de estratégia da *desconstrução*. Desse modo, conjura-se a instância de preliminaridade que comporta a reflexão metodológica, para instalar a *desconstrução* no processo mesmo do discurso derridiano, no cruzamento instável e sem cisões de suas operações de leitura e de escrita, que configuram um texto descentrado, sem clausura e atravessado por pontos de fuga, que renega as transgressões que reforçam e legalizam os limites; um discurso que é percorrido por múltiplas derivas, como estrias, itinerários sem destino prévio, de um incessante, minucioso e indeclinável trabalho textual.

Não opomos aqui, por um mero movimento de pêndulo, de equilíbrio ou de dar volta, a duração ao espaço, a qualidade à quantidade, à força e à forma, a profundidade do sentido ou do valor à superfície das figuras. Ao contrário. Contra esta simples alternativa, contra a simples eleição de um dos termos ou de uma das séries,

pensamos que é preciso buscar novos conceitos e novos modelos, uma economia que escape a este sistema de oposições metafísicas. Esta economia não seria uma energética da força pura e informe. As diferenças consideradas seriam ao mesmo tempo diferenças de lugares e diferenças de força. Se aqui parece que opomos uma série à outra, é porque dentro do sistema clássico queremos fazer aparecer o privilégio não crítico atribuído de forma simples, por certo estruturalismo, à outra série. Nosso discurso pertence irredutivelmente ao sistema de oposições metafísicas. Não se pode anunciar a ruptura desse pertencimento senão mediante uma certa organização, uma certa disposição estratégica que dentro do campo e dos poderes, voltando contra seus próprios estratégias, produza uma força de deslocamento que se propague através de todo o sistema, fissurando-o em todos os sentidos, e delimitando-o de parte aparte.¹¹

A possibilidade de pensar a *desconstrução* como estratégia textual que implica a deriva, o deslizamento e a insistência do trabalho de escrita e do trabalho de leitura –cada um como gesto duplo que adia, enxerta e dissolve a diferença que os constitui e reduz– articula os movimentos de inversão e deslocamento com a irrupção de outros conceitos que não se deixam subsumir na rede do sistema desconstruído. Conceitos novos bordados nas margens, bordejando as margens, instalados em perpétua inquietude *entre*, conjurando a assimilação a um terceiro termo hegeliano, insistindo na vacilação do indecível para que a diferença fique sem captura em uma síntese dialética:

Portanto, para marcar melhor esta separação (a disseminação, o texto que leva este título, uma vez que me coloca uma questão a respeito, é uma exploração sistemática e jogada de "separação", quadro, quadrado, cartão, quatro, etc.), foi preciso analisar, fazer trabalhar, no texto da história da filosofia tanto quanto no texto chamado "literário" (por exemplo o de Mallarmé), certas marcas, digamos (acabo de apontar algumas, há outras muitas), que chamei por analogia (destaco-o) indecíveis, quer dizer, unidades de simulacro, "falsas" propriedades verbais, nominais ou semânticas, que já não se deixam compreender na oposição filosófica (binária) e que, não obstante, a habitam, resistem, desorganizam, mas sem constituir jamais um terceiro termo, sem dar lugar jamais a uma solução na forma da dialética especulativa (o *pharmakon* não é nem o remédio nem o veneno, nem o bem nem o mal, nem dentro nem fora,

¹¹ *La escritura y la diferencia*, op.cit.

nem a palavra nem a escrita; o suplemento não é nem um mais nem um menos, nem um fora nem um complemento de um dentro, nem um acidente, nem uma ausência, etc., o hímen não é nem a confusão nem a distinção, nem a consumação nem a virgindade, nem o velo nem a revelação, nem o dentro nem o fora, etc.; o *grama* não é nem um significante nem um significado, nem um signo nem uma coisa, nem uma presença nem uma ausência, nem uma posição nem uma negação, etc.; o espaçamento não é nem o espaço nem o tempo; a minguada não é nem a integridade minguada de um começo ou de um corte simples nem a simples secundariedade. Nem/nem, é ao mesmo tempo ou bem ou bem; a marca também é o limite do marginal, da mancha, etc.).¹²

A desconstrução como estratégia incessante lê/escreve de outro modo o texto da filosofia e a imbricação dessa arquitecra na constituição da cultura, em um jogo que apela ao cálculo minucioso para ser minuciosamente calculada a deriva que rompe uma disseminação bífida no cruzamento de releituras e reescrituras perpetuamente assimétricas.

O debate e a confrontação promovidos em torno da *desconstrução* derridiana constituem, ao que parece, o testemunho mais evidente de que sua atividade compromete a estabilidade de uma ordem e a circulação estável de força e valores. A *desconstrução* não opera unicamente sobre os enunciados, não consiste em uma atividade de denúncia de filosofemas, de sua arquitetura formal, a *desconstrução* não se detém ali, também opera sobre as relações e estruturas institucionais, assim como sobre a genealogia de sua articulação.

O logocentrismo não só é uma complexa rede de remissões que suporta a legitimidade do significado transcendental, também dá razão e fundamento ao sistema institucional e normativo. O espaço do logocentrismo desenvolve um duplo mecanismo: uma dimensão do saber, o sentido unívoco garante a verdade e a possibilidade de uma voz que o faz proliferar; e outra dimensão de poder, a autoridade legaliza a hierarquia e assegura a dominação da razão de uma lei que diga e, ao dizer, resguarde a verdade.

A *desconstrução* implica uma instância política que, se é obviada, reduz suas operações a um jogo retórico:

O monorritmo é sempre reapropriação imediata, e o monocódigo também. É preciso, pois, meter a mão no código; quando digo isto, insisto tanto na monovalência e igualmente na unidade do código dominante, quanto em

¹² *Posiciones*, op. cit.

seu caráter de código. É preciso meter a mão no código, na homogeneidade e na singularidade do sistema que ordena e regula as linguagens e as ações. É preciso meter a mão no fato de que há mais que um código.¹³

A estratégia desconstrutiva solicita a trama de relações e submissões que desenha o sistema de saber e poder, sua deriva de termos indecidíveis abala os valores de homogeneidade, de univocidade, raspa no borrão a segurança ilusória do dizível.

¹³ Jacques Derrida, "Ja o la estacada", *Anthropos*, Suplemento 13, mar. 1989.